

UM MUSEU PARA GUARDAR MEMÓRIAS E ABRIR FUTUROS¹



MAÍRA BRUM RIECK
EDSON LUIZ ANDRÉ DE SOUSA

*Psicanalistas, coordenadores do
Museu das Memórias (In)Possíveis
e membros da APPOA (Associação
Psicanalítica de Porto Alegre)*

INVENTÁRIO DE SONHOS: UM DESEJO DE ARQUIVO²



JOANA HORST

*Psicanalista, membro da APPOA, mestre
em Psicologia Social e Institucional pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

ANDRÉ OLIVEIRA COSTA

*Psicólogo e filósofo pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul*

EDSON LUIZ ANDRÉ DE SOUSA

@museudasmemoriasinpossiveis

UM MUSEU PARA GUARDAR MEMÓRIAS E ABRIR FUTUROS

*Toma o ventre da terra e planta no pedaço que te cabe esta raiz enxertada de
epitáfios*

(Lima, 2012)

As memórias são como raízes que nos fixam aos lugares, nos ajudam a compreender de onde viemos, mas também acionam os desejos de mudanças. São tecidos de linguagem que herdamos, palavra a palavra, e nos dão o estofado que precisamos para adentrar o mundo e construir novos percursos. A memória aciona os faróis da história abrindo espaços para futuros que não sejam meras repetições do que já foi vivido. O Brasil carece de memoriais que possam acolher, registrar, transmitir as narrativas de todos aqueles que foram esquecidos, violentados, excluídos e cujos traumas pairam ainda como espectros à deriva, buscando um lugar de pouso. Nosso país jamais será um país do futuro, como propôs Stefan Zweig, se não acionar as memórias traumáticas que circulam na corrente sanguínea de nossa história. Temos vivido no Brasil nos últimos anos um cenário de destruição não só pela pandemia do coronavírus, mas sobretudo por todas as violências que enfrentamos: povos indígenas desalojados, população negra sempre sob ameaça - fruto de um racismo estrutural que ainda precisamos enfrentar -, florestas destruídas, militarização crescente da política nacional reavivando o período traumático da ditadura civil-militar, ameaçando tantas conquistas democráticas. O “Museu das Memórias (In)Possíveis”³, do Instituto da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), é um museu virtual que surge no desejo de recolher algumas destas narrativas traumáticas para que possamos saber um pouco mais sobre as histórias que nos constituem mas que ainda permanecem subterrâneas. A psicanálise sempre teve o compromisso de estar atenta à escuta do seu tempo. Sabemos bem que os dilemas de uma época reverberam no sofrimento psíquico que cada sujeito experimenta. A proposta é que o Museu cumpra também uma função de intervenção na medida em que o registro destas narrativas permitam que estas vozes sejam reconhecidas e assim ganhem força, legitimidade e sobretudo acionem desejos de mudança, que possam tirar tais vidas das sombras em que vivem.

A memória cumpre uma função de ancoragem em nossas travessias e não nos deixa naufragar no indeterminado de histórias em que não estamos incluídos e nas quais não nos reconhecemos. Ser excluído da memória que constitui a vida de um sujeito talvez seja um dos mais cruéis exílios pois impossibilita um entendimento crítico da história de uma origem. Mas nem sempre é fácil recuperar para a memória as vivências traumáticas. Quem sofre um trauma nem sempre pode ou quer lembrar pois esta é uma cicatrização difícil, senão impossível. O testemunho precisa de uma acolhida, de uma escuta, de uma ancoragem, de um trabalho psíquico. Recolher testemunhos é fazê-los vivos na voz daqueles que agora contam a história que ouviram, viram, leram. Estamos diante de um ato solidário. Abrir espaços para enfrentar juntos as cenas que ainda não foram possíveis de serem narradas, figuradas, representadas. Este é o fio que nos conduz a pensar sobre estas feridas na memória.

Há várias formas de narrar. Uma história pode ser contada de várias perspectivas, inclusive desde o olhar dos próprios objetos. Machado de Assis no conto “O Espelho” (1994 [1882]) escreve que a alma exterior de uma pessoa pode estar num simples botão de camisa. Os objetos adquirem, portanto, uma função de olhar, lugares possíveis do Outro. E foi nesta perspectiva que o cineasta chileno Patricio Guzman construiu seu documentário de 2015 intitulado “*El Bóton de Nácar*” [O Botão de Pérola]. Toda a narrativa é construída a partir da imagem de um botão de madrepérola encontrado no fundo do mar e que possibilitou construir uma história de massacre dos índios Kawéskar na Patagônia. Associou a esta imagem os trilhos que os torturadores amarravam nos presos políticos para que ficassem ancorados no fundo do mar, durante a ditadura de Augusto Pinochet de 1973 a 1990.

O ponto de partida do filme foram estes dois objetos que contam a história traumática destas violências. “Vi um daqueles trilhos aos quais os torturadores fascistas amarravam suas vítimas antes de afogá-las, com um botão colado sobre seus corpos. Imediatamente fiz a ligação com o outro botão e o filme se construiu a partir dessa relação” diz Guzman.

Há um limite, contudo, no que é possível lembrar e toda a diferença está em poder enunciar esse impasse da memória: o inconsciente (que insiste) tensionando o impossível. Assim, nosso Museu tenta dar conta de uma memória (in)possível. As narrativas traumáticas trazem sempre um enigma enquistado e preservar esta densidade é fundamental. Há sempre um resto que não foi possível de ser dito, nem escutado. Estamos diante de uma certa incompreensão como aponta Marguerite Duras em seu texto “O homem atlântico” (1987). O testemunho é sempre ruidoso, mas também preserva um certo silêncio sobre o que ainda falta dizer. Vemos isto com clareza em Paul Celan, por exemplo, que sempre buscou em seus poemas uma escrita que também cumpra a função de interditar as imagens clichês que obscurecem o indizível do traumático.

Giorgio Agamben (2009, p. 63) propõe que:

Contemporâneo é [...] aquele que sabe ver a obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. [...] Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade.

Mas quem são aqueles que vivem nas sombras de nosso tempo? O que eles têm a dizer? Por que são calados, amordaçados? O que contam os que não contam?

No Museu das Memórias (In)Possíveis os contamos um a um, no duplo sentido do termo. Os contamos em suas singularidades e escutamos o que eles têm a nos contar. Moradores de rua, pobres, torturados das ditaduras, sobreviventes de guerras, os ditos loucos, os diferentes, os que não se encaixam, os vencidos do mundo. O que

eles contam de todos nós? Qual a nossa responsabilidade frente aos que não encontram ouvidos para seus gritos?

Um anel de madeira manufaturado em *Auschwitz*; um áudio de uma menina de 14 anos com medo de morrer na rua; as fotos excepcionais de Luiz Eduardo Achutti da primeira experiência de reciclagem do país, em Porto Alegre, na Vila Dique; os testemunhos da remoção forçada dos ribeirinhos no Pará devido à construção da hidrelétrica de Belo Monte; mais de 1000 sonhos da pandemia do projeto “Inventários dos Sonhos”. Objetos narrativos que ultrapassam seu valor de objeto e passam a contar a história da humanidade, objetos que ultrapassam seus donos originais e passam a contar a história incessante de violação de direitos humanos e que estarão no acervo do Museu.

O (In)Possível com “N” não é por acaso, já que a palavra “impossível” (com “M”) não diz tudo o que gostaríamos de transmitir. Então inventamos outra palavra, uma que não existe no dicionário, mas que introduz a ideia moebiana de possível e de impossível ao mesmo tempo. Quando tiramos o “M” e colocamos o “N”, introduzimos dentro desse binário possível-impossível o (in)consciente, o (in)dizível. Com isso, tentamos enfatizar não o que está em plena luz do dia do nosso tempo, mas as sombras ao redor.

A seguir, apresentamos um dos acervos, o “Inventário dos Sonhos”. O “Museu das Memórias (In)Possíveis” estará aberto a todos os interessados e é um lugar de acolhimento e de resistência. Apostamos que abrir arquivos é processo civilizatório, como lembra o jurista Célio Borges. Precisamos de muito passado para construir futuros.

Nesta página, abaixo: Figuras 1 e 2. Vila Dique. Autora: Luiz Eduardo Robinson Achutti, 2019. Porto Alegre, RS. Acervo do Museu das Memórias (In)Possíveis.





Página anterior, acima. Figuras 3, 4 e 5. Belo Monte. Autoria: Lilo Claretto, 2015. Altamira, PA. Página anterior, abaixo. Figuras 6 e 7. *(In)Finitas Repetições*. Obra de Ademir Ferreira do Nascimento e Marcia Taboada de Souza Sortili, 2015. Porto Alegre, RS. Acervo do Museu das Memórias *(In) Possíveis*.

INVENTÁRIO DE SONHOS: UM DESEJO DE ARQUIVO

Porque o sonho é memória, ressurreição do passado, por fragmentos; ele nega o desaparecimento, a irreversibilidade do tempo, conjura o esquecimento dos mortos.

(Jean-Bertrand Pontalis)

Nossos sonhos são nossos faróis subterrâneos, sempre densos, enigmáticos, esquivos, complexos, surpreendentes, corajosos, literários, políticos, sexuais, angustiantes, utópicos. Ali entramos em outra gramática, outra lógica, a do inconsciente, que Freud nos transmitiu abrindo então a via para este outro mundo, tão perto e tão longe. Um dos textos que abriu o século XX, “A interpretação dos sonhos”, de Sigmund Freud, publicado em 1900, segue muito atual e coloca o leitor no âmago de uma experiência narrativa que desdobra a ideia de que cada sujeito é um arquivo vivo de memórias de difícil acesso.

A maquinaria do sonho captura fragmentos desses arquivos sempre de forma muito singular, e mesmo que cada narrativa só possa ser efetivamente escutada a partir das associações de cada sonhador, isso não impede de ver nos textos dos sonhos as urgências, os abismos, os desafios de cada época. Foi esse o ponto de partida para que, entre 1933 e 1939, a jornalista Charlotte Beradt começasse a recolher secretamente sonhos de cidadãos alemães. Essas datas dizem tudo sobre o tempo em que esses sonhos foram produzidos. A ideia de que esses sonhos não deveriam se perder a leva a coletar o que ela chama de sonhos ditados pela ditadura. Ela entrevistou cerca de 300 alemães, e esses registros ficaram guardados até 1966, quando publicou seus relatos. A presença frequente dos tiranos nazistas nas narrativas oníricas e a angústia diante de tanta destruição mostram o trabalho psíquico de cada sonhador em tentar fazer contorno no abismo em que viviam. Como ela escreve em seu livro, tratava-se ali, com esses registros, de acessar a estrutura de uma realidade prestes a se tornar um pesadelo.

Os sonhos cumprem, portanto, a função de sismógrafo de uma época. Flávio Tavares, por exemplo, no seu livro “Memórias do esquecimento – os segredos dos porões da ditadura”, de 2005, em que registra os traumas da tortura que sofreu pelos agentes de Estado durante a ditadura civil-militar no Brasil, inicia com um relato de um sonho. Escreve ele:

Ao longo dos meus dez anos de exílio, um sonho acompanhou-me de tempos em tempos, intermitente. Repetia-se sempre igual, com pequenas variantes. Meu sexo me saía do corpo, caía-me nas mãos como um parafuso solto. E, como um parafuso de carne vermelha, eu voltava a parafusá-lo, encaixando-o entre minhas pernas, um palmo abaixo do umbigo, no seu lugar de sempre (Tavares, 2005, p. 19).

Vemos que esse relato dialoga com muitos outros relatos de vítimas de tortura, que têm a sensação de terem o corpo em pedaços e que precisam realizar um trabalho psíquico de reconstrução do corpo. São também conhecidos os sonhos de Primo Levi, onde se coloca em questão a própria possibilidade da narrativa diante do apagamento de marcas e registros causados pelos traumas ocasionados pela experiência dos campos de concentração nazistas. Em sonhos traumáticos como os de Levi, a representação torna-se incapaz de sustentar a perlaboração do horror, fazendo-o retornar sempre à mesma realidade traumática.

Estou comendo com a família, ou com os amigos, ou no trabalho ou em uma campina verde; em um ambiente aprazível e relaxante, aliado aparentemente da tensão e da dor; contudo sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que se aproxima sobre mim. E, de fato, à medida em que se desenvolve o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, cada vez de forma diferente, tudo se derruba e se desfaz ao meu redor: o cenário, as paredes, as pessoas e a angústia se fazem mais intensas e mais precisas. Tudo se tornou um caos. Estou só no centro de um nada cinza e turvo. E de repente sei o que isso significa e sei também o que tenho sabido sempre: estou de novo no lager e nada era verdade fora dele (Levi, 1997 [1963], p. 359).

O “Museu das Memórias (In)possíveis” vai receber uma outra coleção de sonhos que começou a ser recolhida a partir de março de 2020, no início da pandemia do coronavírus no Brasil. Este projeto, nomeado de “Inventário de Sonhos”, já recolheu 1300 sonhos de várias regiões do país. As narrativas evidenciam os impasses dessas memórias difíceis que ficarão como uma anotação preciosa para entendermos um pouco mais sobre tudo o que ainda estamos vivendo em nosso país. Com a transmissão dessas narrativas oníricas, abrem-se espaços de memória, de revolta, de luto, de elaboração, de esperança, de dor. O “Inventário” continua aberto para aqueles que ainda quiserem doar seu relato onírico para esse arquivo.

Cada narrativa abre espaços possíveis de memória. Vejam este, por exemplo, em que o desafio de encontrar alguma saída diante da destruição está claramente presente:

Sonhei que estava em uma escola (sou professora e sonhos com escolas são constantes), mas não era a escola que eu lecionava, “era a escola que eu estudava”, mas não parecia a escola que eu cursei durante minha vida, parecia muito mais grandiosa. Eu voltei a ser estudante. Estava com meus colegas e a escola estava se preparando para alguma comemoração no dia seguinte, todos os lugares pareciam estar sendo decorados com uma espécie de “neve” artificial. Em algum ponto, esse material começa a pegar fogo e todos os locais da escola rapidamente estão num incêndio. Tento fugir com meus colegas, por um bom tempo, eu fico andando pela escola em busca de uma saída. Finalmente eu consigo chegar na porta da frente e sair. Não encontro meus colegas, eles ficaram presos no prédio. Acordo nesse ponto, assustada.

Não se trata aqui de interpretar o sonho, pois para isso precisaríamos ouvir as associações e as derivações dessas imagens na história de cada sujeito. Podemos pensar esses sonhos como disparadores associativos para cada leitor como um arquivo ainda em desordem, mas são evidentes alguns elementos que reagem a uma experiência compartilhada: a destruição, a busca de uma saída, a solidariedade, a impotência, a sobrevivência, etc. Este arquivo de sonhos, acompanhando o que Jacques Derrida elaborou em seu texto “Mal de arquivo: uma impressão freudiana” (2001 [1996]), afasta-se da concepção de arquivo como suporte, conservação e registro de memórias do passado, lançando-se para o futuro de forma heterogênea, fragmentária e dinâmica, repleta de contradições e ambiguidades, tal como ocorre com os materiais das narrativas oníricas, que rompem com a linearidade, a cronologia e a lógica de sentido.

O arquivo dos sonhos, desse modo, rompe com os binarismos, entre ficção e verdade, entre indivíduo e coletivo, o interno e o externo, tal como os paradoxos postos pelos sonhos e seus sonhadores. O mais singular de cada sujeito, produzido nesse diário noturno, é atravessado pela experiência da coletividade. “De que forma”, pergunta Beradt, “os sonhadores, ‘quando dormem na cama’, continuam a puxar o fio condutor que viram no labirinto da atualidade política e ameaça enforcá-los?” (2017, p. 41). Se Freud já nos apontava que as memórias se constroem de forma lacunar, fragmentária, incompleta, incoerente e paradoxal, seguimos o arquivo dos sonhos com o que Derrida afirma: “o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória” (2001 [1996], p. 22). Diante de tempos de destruições, de violências, de inconsistência da realidade, nos lançamos ao futuro sustentados por um desejo de arquivo, mas sempre ameaçados pelo apagamento da memória. Coloca-se como fundamental, para tanto, a presença do outro como um terceiro que se torna o suporte, a sustentação desse processo infinito de repetição e reinscrição dos traços de memória.

Nesse âmbito, nos remetemos ao fenômeno da transferência, mola propulsora da análise, um dos conceitos fundamentais da psicanálise. No seminário “A transferência” (2010 [1960-1961]), Lacan aborda a transferência como uma fonte de ficção, posto que o sujeito fabrica, constrói alguma coisa. Ao perguntar-se qual a natureza dessa ficção e a quem ela se dirige, ele retoma a origem da psicanálise e a teoria dos sonhos, destacando que os fenômenos psíquicos se produzem para serem ouvidos, ouvidos por um Outro:

Tudo o que sabemos sobre o inconsciente, desde o início a partir do sonho, nos indica que existem fenômenos psíquicos que se produzem, se desenvolvem, se constroem para serem ouvidos, portanto, justamente para este Outro que está ali, mesmo que não se o saiba (Lacan, 2010 [1960-1961], p. 221).

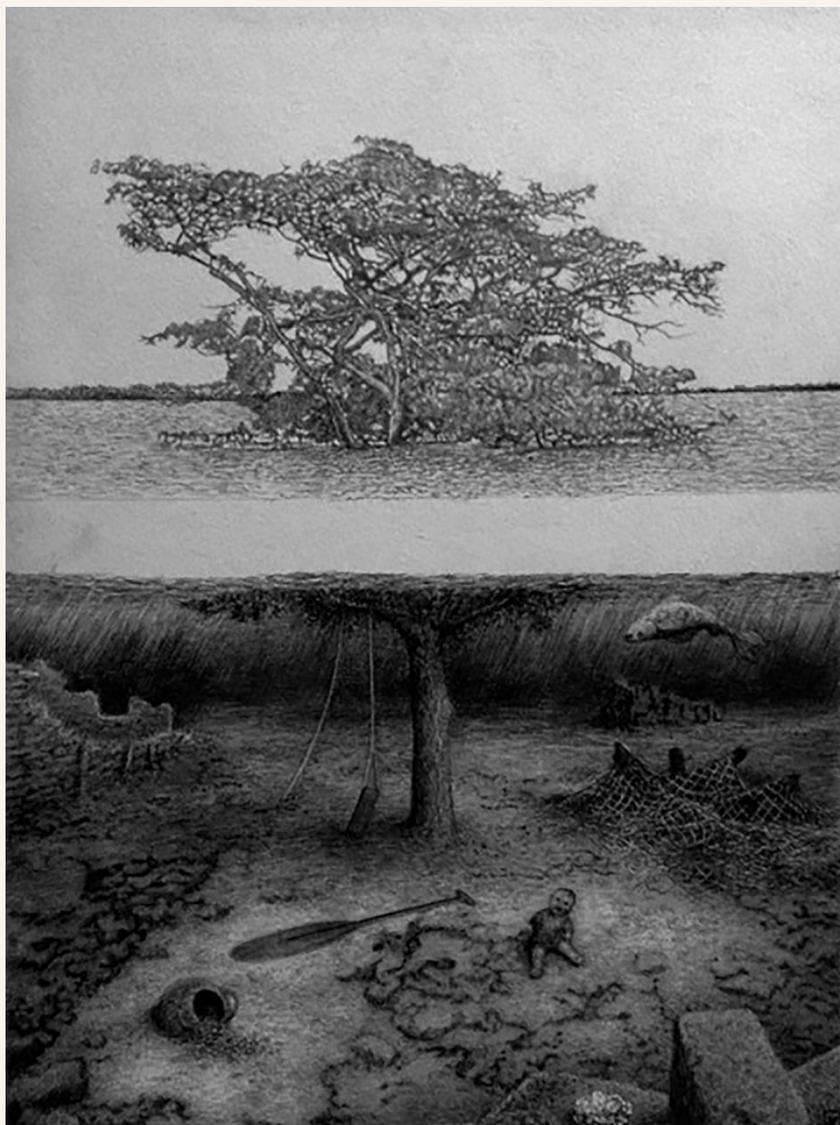
Na mesma direção em que o fenômeno da transferência é concebido como sustentáculo da ação da fala, apostamos na proposição desse inventário de sonhos como a criação de um espaço possível para acolher as produções singulares de um tempo marcado por relações em que o desejo tende a ser elidido. Abrir um espaço para as narrativas oníricas, dedicar-se à escuta dessas expressões singulares e disponibilizar um acesso público a esse arquivo configura-se uma tarefa de tom revolucionário, pela aposta na circulação dessa “Outra cena”, dando visibilidade e lugar a uma lógica tão contrária ao discurso corrente, em um tempo em que qualquer traço desejante precisa ser ofuscado em nome de uma suposta razão. Entendemos a existência do Inventário como a sustentação de uma incredulidade necessária, como possibilidade de resistência a uma engrenagem sociopolítica que tenta massificar os modos de existir. Assim podemos ler na seguinte narrativa onírica, em que o sonhador relaciona a tal engrenagem, em suas associações, com a opressão que sente dentro de casa por não ser aceito quanto a sua orientação sexual:

Eu estava no apartamento de uma grande amiga (ex professora minha), porém, não me recordo de vê-la no local. Saio na varanda para apreciar o pôr do sol e tirar fotos da paisagem (como gosto de fazer normalmente). De repente, um feixe de luz muito forte se abre no céu e, rapidamente, este “feixe” se vira ao contrário e tudo escurece, como se fosse um buraco negro. Após, lembro-me de estar com minha família em um shopping no caminho da Praia Grande, de volta à São Paulo; estou no telefone com uma amiga, combinando de encontrá-la em algum shopping para buscá-la de carro, e dou à ela duas opções de escolha. Posteriormente, já em casa, estou com minha família (mãe, pai e avô - minha avó, que ainda está viva, não aparece no sonho) e, na televisão, surgem várias reportagens sobre uma roda, como se fosse uma “engrenagem” gigante, com inúmeras correntes, que está aparecendo no céu de inúmeras cidades pelo mundo. Ainda estamos incrédulos com a situação e o meu avô é o único que acredita que a tal engrenagem ainda irá aparecer perto de nós (na realidade, meu avô morreu em 2012, mas foi de suma importância na minha infância). Minutos depois, algo metálico aparece no céu e, então, uma enorme roda de aço surge, com inúmeras correntes, como se estivesse “voando”. Ela é maior que qualquer apartamento que se encontra a minha volta. A “engrenagem” surgiu na Terra para cobrar a humanidade de todo o mal que ela já fez. Cada pequena parte da corrente significa um pecado cometido pelo homem (pecados estes que nada tem a ver com os pecados bíblicos, mas sim, em relação a destruição da natureza. Eu, no sonho, sinto uma agonia e um medo gigante, e percebo que somos insignificantes em comparação ao tamanho do universo e ao poder da natureza. Ainda dentro de casa, estou com meu pai; penso em engolir inúmeras cápsulas de remédio para me matar antes que a “engrenagem” acabe com todos nós. Engulo as cápsulas, meu pai vê e me faz vomitá-las, portanto, nada acontece. Estou no chão, perto do vaso sanitário, e sinto uma necessidade absurda de ser acolhida e deitar no colo do meu avô, como eu fazia carinhosamente quando era criança. Penso, neste momento, em todas as oportunidades que eu tive durante a minha vida e não aproveitei, nos momentos que eu poderia ter vivido e não vivi, nos “eu te amo” que eu poderia ter falado e não falei. Penso, ainda, no quanto eu gostaria de estar com a pessoa que eu gosto, mesmo sendo impossível naquele momento. Tenho vontade de falar com ela e saber se está tudo bem. Ao final, reflito, principalmente, sobre a culpa que eu sinto constantemente em todos os aspectos da minha vida, e que, neste momento, parece pequena demais.

Restos que resistem ao apagamento, que iluminam o subterrâneo, que transmitem verdades, que evidenciam lutos, que tentam expressar o inexprimível, que tentam contornar abismos. Sonhos que querem ser escutados.

Todo este arquivo está disponível para leitura e pesquisa em dois museus virtuais preocupados com a questão da memória: o “Museu das Memórias (in)possíveis” vinculados à Associação Psicanalítica de Porto Alegre e ao “Museu da Pessoa”, em São Paulo. 

Figura 8. Ilustração de Jack Kaminski, 2021. Acervo do Museu das Memórias (in)Possíveis.



¹ Artigo modificado do texto “As memórias, todas elas” publicado originalmente no jornal Zero Hora dos dias 15 e 16 de maio de 2021.

² Esta seção foi originalmente publicada no Correio da APPOA em setembro de 2021.

³ Link para acessar o Museu das Memórias (in)possíveis: <https://museu.apoa.org.br/site/>

/

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1994.

BERADT, Charlotte. *Sonhos no Terceiro Reich*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

DERRIDA, Jacques. [1996]. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DURAS, Marguerite. *O homem sentado no corredor / O homem atlântico*. Tradução de Sieni Maria Plastino. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Porto Alegre: L&PM, 1900.

LACAN, Jacques. [1960-1961] *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LEVI, Primo. [1963]. *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LIMA, Conceição. *A dolorosa raiz do micondó*. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento: os segredos dos porões da ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

PARA CITAR:

COSTA, A.; HORST, J.; RIECK, M.; SOUZA, E.
Um museu para guardar memórias e abrir futuros /
Inventários de sonhos: um desejo de arquivo. *Redobra*,
n.17, ano 8, p.113-123, 2023.

